

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA**  
**20 e 24 de Março de 2025**

**LA FOLIE ALMAYER / 1972**

*Um filme de Vittorio Cottafavi*

Realização: Vittorio Cottafavi / Argumento: Louis Guilloux e Jean-Daniel de la Rochefoucauld, baseado no romance homónimo de Joseph Conrad / Cenários: Jacques d'Ovidio / Música: François de Roubaix / Interpretação: Giorgio Albertazzi (Almayer), Rosemary Dexter (Nina), Paul Barge (Maroulla), Gianni Rizzo (Lakamba), Andrea Aureli (Babalatchi), Abder Berkani (Ali), Laurence Bourdil (sra. Almayer), Raymond Loyer (capitão Ford), Van Doude (comandante holandês), Hans Meyer (capitão Linguard), etc.

Produção: Televisões de França, Itália e Alemanha Federal / Cópia digital (DCP), colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 92 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

*Na impossibilidade, para esta primeira passagem do filme, de publicar um texto original, transcrevemos nesta folha a nota incluída no jornal mensal da programação. Na segunda exibição do filme (dia 24), distribuiremos uma folha com um texto original.*

Primeira adaptação do primeiro romance de Conrad, *Almayer's Folly*, que tinha sido também a primeira das suas "histórias malaias" e aquela em que surgira (ainda não em lugar central) o personagem Tom Lingard (V. acima notas sobre *OUTCAST OF THE ISLANDS* e *THE RESCUE*). No centro está Kaspar Almayer, comerciante holandês estabelecido na ilha de Borneo na Indonésia colonial, com a sua obsessiva ambição de riqueza, que supostamente lhe permitirá libertar-se um dia daquele mesmo contexto, mas que, no fim, o conduzirá tão somente ao colapso e ao isolamento. Não se trata porém de uma adaptação para cinema, mas sim da primeira de várias adaptações para televisão levadas a cabo por realizadores de cinema que optámos por incluir neste ciclo. E não é um exemplo qualquer: com ele abordamos um dos nomes mais originais do cinema europeu, que, sobretudo a partir de meados da década de 60 e até 1979 (em boa parte na mesma altura em que o fez Rossellini), utilizou com inteligência e subtileza o meio televisivo. Inextricavelmente clássico e moderno, ao mesmo tempo profundo e simples, Cottafavi (ao qual voltaremos na segunda parte do ciclo) veio trazer nova contribuição ao debate sobre os dilemas da adaptação conradiana. "É o seu lado brechtiano que permite a melhor adaptação/distanciação/leitura do texto conradiano" (Federico Rossin).